



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
CURSO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES
INTERNACIONAIS

CRISE FINANCEIRA E OPORTUNIDADES NO MERCADO
INTERNACIONAL: O CASO DO SETOR DE CARNES
BRASILEIRO

GABRIEL AGUIAR PEDROSO

JOÃO PESSOA

2021

GABRIEL AGUIAR PEDROSO

**CRISE FINANCEIRA E OPORTUNIDADES NO MERCADO
INTERNACIONAL: O CASO DO SETOR DE CARNES
BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Vilmar Satur

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P372c Pedroso, Gabriel Aguiar.

Crise financeira e oportunidades no mercado
internacional: o caso do setor de carnes brasileiro /
Gabriel Aguiar Pedroso. - João Pessoa, 2021.
48 f. : il.

Orientador: Roberto Vilmar Satur.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2021.

1. Subprimes. 2. Exportação. 3. Carne de frango. 4.
Comércio Exterior. I. Satur, Roberto Vilmar. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 339

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição	UFPB – Universidade Federal da Paraíba Endereço: Cidade Universitária – João Pessoa – PB – Brasil – CEP: 58051-900 – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Campus I, Conjunto Humanístico – Bloco IV, Cidade Universitária – João Pessoa – PB – Brasil – CEP: 58059-900
Dirigentes	Reitoria: Reitor: Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia Vice-Reitora: Profa. Dra. Liana Filgueira Albuquerque Pró-Reitora de Graduação: Profa. Dra. Silvana Carneiro Maciel Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes: Diretor: Prof. Dr. Rodrigo Freire de Carvalho e Silva Vice-Diretor: Prof. Dr. Marcelo Sitcovsky Santos Pereira Departamento de Mediações Interculturais: Chefe: Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves Vice-Chefe: Profa. Dra. Ángela María Erazo Munoz Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais: Coordenadora: Profa. Ma. Silvia Renata Ribeiro Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Kátia Ferreira Fraga
Trabalho de Conclusão de Curso	Título: Crise financeira e oportunidades no mercado internacional: o caso do setor de carnes brasileiro. Vínculo: Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso Professora Responsável: Profa. Ma. Cláudia Caminha Lopes Rodrigues
Execução	Orientação: Prof. Dr. Roberto Vilmar Satur Aluno: Gabriel Aguiar Pedroso

FOLHA DE APROVAÇÃO

A Banca Examinadora examinou o Trabalho Final de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, intitulado:

CRISE FINANCEIRA E OPORTUNIDADES NO MERCADO INTERNACIONAL: O CASO DE SETOR DE CARNES BRASILEIRO

de

GABRIEL AGUIAR PEDROSO

Aprovado em 17 de junho de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Roberto Vilmar Satur
Presidente e Orientador

Profa. Márcia Cristina Silva Paixão
Banca Examinadora

Profa. Talita Neves Bezerra da Silva
Banca Examinadora

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cadeia Alimentar da Securitização	18
Figura 2: Gráfico de hipotecas	20
Figura 3: Preço das casas nos EUA.....	20
Figura 4: Brasil: Exportações, importações e saldo comercial, 1985-2010 (em US\$ milhões).....	26
Figura 5: Exportações brasileiras por fator agregado e bloco econômico.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estatísticas das Hipotecas Originadas- US\$ bilhões	20
Tabela 2: Indicadores macroeconômicas Estados Unidos, China, Japão, Alemanha e Brasil 1980-2011	24
Tabela 3: Brasil - Exportações em US\$ Bilhões	30
Tabela 4: Exportação Brasileira - 2008/2007 - US\$ Milhões FOB	31
Tabela 5: Produção Mundial de Carne de frango (em Milhões de toneladas)	35
Tabela 6: Indicadores das exportações brasileiras de carnes de frango (1999 a 2008)	35
Tabela 7: Maiores exportadores de carnes do mundo em mil toneladas (1999-2008)	35
Tabela 8: Receita Bruta da Sadia de 2001-2008 (R\$ milhões).....	38
Tabela 9: Vendas Mercado Externo da Sadia de 1999-2008 (R\$ milhões)	39

RESUMO

A monografia irá analisar os efeitos da crise econômico-financeira chamada crise dos *subprimes* nos EUA sobre o comércio internacional brasileiro, abordando como o mercado financeiro e a bolsa de valores reagiu aos acontecimentos da crise. Assim, observando os impactos sobre as relações internacionais brasileira, levantando dados da época, especificamente o setor carnes brasileiro. Para este estudo foi selecionada a empresa BRF Brasil Foods S.A. os dados obtidos foram reunidos através de outros estudos de caso, dossiês corporativos, os quais assim permitiram verificar melhor os resultados e as estratégias utilizadas. Os resultados apresentados mostram que com a forte produção no setor de carnes e consequentemente com a atuação das empresas no mercado internacional se utilizando das exportações e não dependendo somente do mercado interno durante a crise são essenciais para obter o sucesso durante a crise.

Palavras-chave: Subprimes; exportação; carne de frango, comércio exterior.

ABSTRACT

The monograph will analyze the effects of the economic-financial crisis called the subprime crisis in the US on Brazilian international trade, addressing how the financial market and the stock exchange reacted to the events of the crisis. Thus, observing the impacts on Brazilian international relations, raising data from the time, specifically the Brazilian meat sector. For this study, the company BRF Brasil Foods S.A. was selected. The collected data were gathered through other case studies, corporate dossiers, which thus allowed better verification of the results and the strategies used. The results show that with the strong production in the meat sector and consequently with the performance of companies in the international market using exports and not only dependent on the domestic market during the crisis, they are essential to achieve success during the crisis.

Keywords: Subprimes; export; chicken meat, foreign trade.

RESUMEN

La monografía analizará los efectos de la crisis económico-financiera denominada crisis subprime en Estados Unidos sobre el comercio internacional brasileño, abordando cómo el mercado financiero y la bolsa de valores reaccionaron ante los eventos de la crisis. Así, al observar los impactos en las relaciones internacionales brasileñas, se obtienen datos de la época, específicamente del sector cárnico brasileño. Para este estudio se seleccionó a la empresa BRF Brasil Foods S.A. Los datos recolectados fueron recolectados a través de otros casos de estudio, dossiers corporativos, lo que permitió una mejor verificación de los resultados y las estrategias utilizadas. Los resultados muestran que con la fuerte producción en el sector cárnico y consecuentemente con el desempeño de las empresas en el mercado internacional que utilizan exportaciones y no solo dependientes del mercado interno durante la crisis, son fundamentales para lograr el éxito durante la crisis.

Palabras clave: Subprimes; exportar; carne de pollo, comercio exterior.

RÉSUMÉ

La monographie analysera les effets de la crise économique et financière appelée crise des subprimes aux États-Unis sur le commerce international brésilien, abordant la façon dont le marché financier et la bourse ont réagi aux événements de la crise. Ainsi, en observant les impacts sur les relations internationales brésiliennes, en recueillant des données de l'époque, en particulier le secteur de la viande brésilien. Pour cette étude, c'est la société BRF Brasil Foods S.A. qui a été sélectionnée. Les résultats montrent qu'avec la forte production dans le secteur de la viande et par conséquent avec la performance des entreprises sur le marché international utilisant les exportations et non seulement dépendantes du marché intérieur pendant la crise, elles sont essentielles pour réussir pendant la crise.

Mots clefs: Subprimes; exportation; viande de poulet, commerce extérieur.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Objetivos.....	12
1.2	Justificativa	13
1.3	Metodologia	13
2	A CRISE	14
2.1	Reações sobre o mercado financeiro e a bolsa de valores.	17
2.2	A Bolha Financeira	19
3	COMÉRCIO EXTERIOR E CRISE	23
4	REFLEXOS DA CRISE NO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO	26
5	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE DE FRANGO	34
5.1	Análise da “BRF Brasil Foods S.A” na crise e no pós-crise.....	36
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

A crise econômico-financeira de 2008 trouxe consequências, por certo, para todos e em várias áreas da sociedade. Logo, países do mundo todo tiveram que unir forças para se reerguer e combater as sequelas deixadas pela crise. Particularmente, o Brasil foi afetado de uma forma menos impactante, com efeitos sobre a taxa de câmbio, sobre os fluxos de investimentos e sobre a bolsa de valores. (CASTILHO, 2011).

Para as empresas se firmarem no comércio exterior demanda-se estratégias e um plano de internacionalização bem elaborado. Por exemplo: a escolha do mercado-alvo, o momento de se inserir no mercado, estratégias de marketing. Durante uma crise internacional, esse trabalho tem que ser redobrado e a análise conjuntural da economia global tem que ser levando em conta em todos os aspectos. (FIA, 2018).

O Brasil se mostrou bem resistente a crise em 2008 e as dificuldades econômicas dela surgidas. Mas houve consequências como a mudança nas proporções das relações comerciais brasileiras, onde as exportações passaram a ter um novo principal cliente. Foi em 2009 que a China ultrapassando os Estados Unidos como o principal importador de produtos brasileiros. (CASTILHO, 2011)

Assim, o presente trabalho se diferencia se baseando em um estudo de caso sobre uma empresa brasileira que surgiu durante a crise, que é a BRF Brasil Foods S.A e a forma como essa empresa se portou e se consolidou com uma das maiores produtoras e exportadoras no ramo alimentício de carnes e seus derivados.

1.1 Objetivos

Este trabalho teve como objetivo geral o estudo da crise econômico-financeira internacional de 2008 sobre o Brasil, especialmente sobre a BRF Brasil Foods.

Os objetivos específicos deste trabalho foram:

- 1) Correlacionar os efeitos da crise sobre o comércio exterior brasileiro;

- 2) Analisar os três anos pós-crise e seus efeitos na BRF;
- 3) Trazer os reflexos e consequências da crise para os dias de hoje.

1.2 Justificativa

A justificativa para o estudo em questão tem a ver com a nossa tentativa de compreender o momento em que estamos e as perspectivas futuras no comércio exterior brasileiro. Uma análise de como o mercado se comportou no setor alimentício voltado as exportações e importações durante esses 6 anos, na empresa BRF (Brasil Foods), contribui nessa direção.

Do mesmo modo, a pesquisa em questão teve o objetivo aprofundar os conhecimentos sobre o comércio exterior, além de mostrar os pontos positivos e negativos da trajetória do comércio exterior brasileiro tendo por referência o estudo de caso da BRF.

1.3 Metodologia

Aplica-se para um aprofundamento maior para este TCC, a pesquisa explicativa aliado a pesquisa bibliográfica que segundo Prof. Maxwell (2011): A pesquisa explicativa visa identificar aquilo que é um fator importante e contribuinte de tal ocorrência. Assim, a pesquisa explicativa foca mais no que é real, porque usa os fatos, as causas e consequências desse fato para tentar explicar certo fenômeno. Já a pesquisa bibliográfica ela é proveniente de uma junção de dados secundários e pode ser definida como “contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado”.

Quanto a pesquisa, de acordo com Zanella (2011, p.23) esta é “a atividade básica da ciência, e por meio dela descobrimos a realidade”. Já a metodologia é a que descreve os métodos e o método é uma forma ordenada de proceder ao longo de um caminho.

2 A CRISE

Neste capítulo, abordaremos sobre a origem da crise econômico-financeira ocasionada em 2008 nos Estados Unidos da América, da mesma forma os termos técnicos como os “subprimes”, derivativos e *Collateralized Debt Obligation*. Também explicar por que chamavam essa crise de uma “bolha financeira” e os fatores para que essa “bolha estourasse”.

Para entender a crise econômico-financeira de 2008, é necessário buscar como tudo começou. O grande avanço do mercado imobiliário nos meados de 2005 nos Estados Unidos, resultou em concessão de empréstimos hipotecários de alto risco, conhecido como “*subprimes*”, eram entregues em alta escala, de forma irracional, sem a necessidade de comprovar a renda e sem garantir o pagamento. Assim, o ápice da crise dos *subprimes* foi em 15 de setembro de 2008, quando o grande banco do Lehman Brothers declarou falência, criando um verdadeiro tsunami, conseqüente da explosão da “bolha”, na indústria financeira e assim, como declara o diretor-geral do Fundo Monetário Internacional em 2008, Dominique Strauss-Kahn, afetando simultaneamente o mundo todo (CASTILHO, 2011).

Todavia, as conseqüências dessa crise não ficaram em 2008. Ela se arrastou por anos. Parte da população e empresas sofreram por uma década as conseqüências. Já outros conseguiram sair mais rápido dela. Como relata o site do Jornal Nexo (2018) o desemprego, a insegurança, as medidas protecionistas, a redução de investimentos no comércio internacional e as paralisações em negociações entre países, mudaram o curso de todo o comércio exterior. É evidente que todos esses fatores causaram e causam impactos até hoje na sociedade, seja de forma positiva, seja de forma negativa.

Ao analisarmos o documentário do filme “*Inside Job*”, já na própria sinopse, explicita o impacto da crise: “Do cineasta indicado ao Oscar®, Charles Ferguson (“*No End In Sight*”), vem o *INSIDE JOB*, o primeiro filme a expor a chocante verdade por trás da crise econômica de 2008. O colapso financeiro global, a um custo de mais de US\$ 20 trilhões, resultou em milhões de pessoas perdendo suas casas e empregos. Por meio de extensas pesquisas e entrevistas com os principais *insiders* financeiros, políticos e jornalistas, o *INSIDE JOB* rastreia a

ascensão de uma indústria desonesta e revela as relações corrosivas que corromperam a política, a regulamentação e a academia. Narrado pelo vencedor do Oscar® Matt Damon, o INSIDE JOB foi produzido nos Estados Unidos, Islândia, Inglaterra, França, Cingapura e China. (FERGUSON, 2010)

Como exposto, o preço foi alto e muitos ficaram impunes de seus atos criminosos e gananciosos. Como sempre, os que mais sofreram foram os pobres e os imigrantes que foram atraídos por promessas de sonhos que iriam se cumprir como finalmente ter seu imóvel e nele seus móveis. Entretanto, quando a crise se instalou, pagaram o preço, em outras palavras, foram julgados como culpados, pois muitos que financiaram esses bens, depois não conseguiram pagá-los se endividando com taxa de juros maiores e por consequência não tinham mais condições de arcar com os custos, acabando as muitos por ficarem desabrigados e com dívidas exorbitantes. A importância em saber que muitos do que estavam no poder, reguladores, analistas, políticos ainda estão no setor financeiro e na política, mostra que não houve mudanças sobre os principais atuantes do mercado financeiro. O diretor Ferguson, foi muito sagaz ao escolher os principais atores para as entrevistas, desmascarando muitos com dados pertinentes e concretos durante a bolha financeira. Ele busca demonstrar que o poder político determina as “rédeas da economia”, concentrada nas mãos de pouco, países em desenvolvimento sofreram e tiveram que abdicar de investimentos, muitos países tiveram falta de alimentos, deixando várias famílias sem o que comer e sem moradia.

Trazendo a temática para o comércio exterior, foi um divisor de águas para muitos países. Segundo os dados da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), em abril de 2009 o Brasil exportou mais commodities do que produtos manufaturados, algo que não acontecia desde 1978. Vale ressaltar que muitos dos países alvos da exportação de manufaturados do Brasil, foram afetados pela crise, logo foi nesse ano em que a China ultrapassou os Estados Unidos e se tornou o maior parceiro comercial e têm se mantido na liderança, a partir de então, durante todos esses anos. (CORRÊA, 2009)

Contudo, como mencionado anteriormente, a insegurança trouxe um protecionismo maior para a economia, o nacionalismo cresceu. No Brasil inicialmente não foi sentido como nos EUA e nos países europeus, mas ao longo desses anos com o câmbio desvalorizando, o risco de a inflação eclodir é

constante, já que muitos dos produtos comercializados internamente no mercado brasileiro são produtos importados. A taxa de juros já muito baixa leva a concluir que ela não tem mais muita margem para continuar baixando e somente margem para ficar estável ou voltar a subir. Seu aumento seria a forma de conter essa “futura” inflação, mas isso gera menos crescimento na economia.

Alan Greenspan um economista estadunidense que entre 1987 e 2006 presidiu o Federal Reserve Board (o FED, Banco Central dos Estados Unidos), escreveu o livro “O Mapa e o Território”, e nesse livro ele relata os prelúdios da crise, as medidas que deveriam ser tomadas para conter a crise dos “sub-primés”. O livro nos mostra a necessidade em atualizar esse mapa, rever conceitos para que não se guie mais em mapas antiquados e assim alcançar melhores territórios e patamares. (GREENSPAN, 2013).

É importante ressaltar que Alan foi um dos que estavam no centro de tudo que acontecia no mercado financeiro dos Estados Unidos, tinha acesso e contato com todos os principais atuantes de Wall Street, por isso a visão dele facilita a entender tudo que se passou. Entretanto é uma visão um tanto parcial.

Já o economista norte-americano Paul Krugman com seu livro “A crise de 2008 e a Economia da Depressão” traz uma outra visão de tudo que aconteceu. Importante lembrar que Paul é um dos principais defensores do Keynesianismo, assim crítico das ideias liberais. Sendo assim, o vencedor do Prêmio Nobel de economia em 2008, quanto às contribuições no campo da globalização, Paul Krugman analisa em seu livro vários acontecimentos, trazendo restrições às formas de uso do capital que podem ser colocadas em prática, os erros cometidos para que o mundo entrasse em recessão e quais medidas podem ser tomadas para o equilíbrio do mercado financeiro. (KRUGMAN, 2009).

Por fim, é incontestável que a crise afetou o mundo e os fluxos das negociações internacionais. Por certo que é uma questão que deve ainda ser bem analisada e discutida para termos uma melhor compreensão, assim como menciona Greenspan (2013, p. 14), “No fim das contas, é claro, todo progresso intelectual e, por consequência, material demanda verificação por meio de um processo lógico sistemático”. O que Greenspan passou nessa afirmação, é que em uma crise, usam as emoções para explicar os acontecimentos, os humanos são intuitivos, quando na verdade deveriam usar a lógica.

2.1 Reações sobre o mercado financeiro e a bolsa de valores.

A Bolsa de Valores existe há anos e com toda modernização que vivemos tem a impressão de que surgiu com a tecnologia, porém sua origem de acordo com Lopes (2013):

acredita-se que a primeira bolsa de valores da história, isto é, um local onde os comerciantes se reunam para a realização de negócios relacionados a participações e cotas em empresas tenha surgido em 1487, na cidade de Bugres, Bélgica. O nome "bolsa" se refere ao brasão da família Van der Burse, dona da casa onde as transações ocorriam, o qual era constituído por um desenho de três bolsas. Entretanto, a primeira ação comercializada em uma bolsa de valores que se tem registro pertenceu à Companhia Holandesa das Índias Orientais e foi negociada em 1602, na bolsa de Amsterdã.

Neste cenário, onde se encontra vários atuantes na bolsa, ao analisarmos o modelo econômico que o Estados Unidos seguia, que era o liberalismo, vemos uma certa abertura para que essa crise se instaurasse. Assim como é definido por Moreira:

Consenso de Washington: Bases e desdobramentos no mundo subdesenvolvido: O Neoliberalismo é uma doutrina econômica que preconiza a restrição à intervenção estatal na economia e o fundamentalismo de livre-mercado que, segundo George Soros, criador dessa expressão, "coloca o capital financeiro ao volante" da economia. Retoma a clássica metáfora liberal de Adam Smith de que a "mão invisível" conduziria o capitalismo ao equilíbrio econômico. Bastaria, para isso, o controle inflacionário e o controle do déficit público, segundo os neoliberais da Escola de Chicago. (MOREIRA,2009).

Dessa forma, a falta de intervenção do Estado fez com que muitas empresas, *rating agencies* (*agências que avaliavam os riscos das operações*), agências de investimentos e bancos atuassem de forma descontrolada, assuntos que veremos adiante. Para uma melhor compreensão então dos fatos, alguns termos devem ser mais bem compreendidos.

Os derivativos ou derivativos financeiros, por exemplo, são muito utilizados no mercado financeiro e quando, utilizados da forma correta, são muito benéficos. De acordo com Lys Silva da InfoMoney (2015): "os derivativos da seguinte forma: Derivativo é um instrumento financeiro cujo valor final depende (deriva), total ou parcialmente, do valor de outro ativo, que pode ser uma ação, moedas, juros, entre outros". Também informa para que serve, onde se usa a estratégia *hedge*, que é "para fins de gestão de risco das empresas e proteção contra oscilações indesejadas". Há

várias formas de usar os derivativos, os principais meios de utilização são: Mercado a termo; Mercado Futuro; Opções e *Swaps*.

Dentre esses principais derivativos, o que precisamos ter ciência para maior compreensão é o *Swaps*. O site da Bússola do Investidor (2014) define somente o termo “*swap*”, como um derivativo pouco comum entre investidores pessoa física e:

consiste em um acordo para duas partes trocarem o risco de uma posição ativa (credora), ou passiva (devedora), em data futura, conforme critérios preestabelecidos. Essas trocas (*swaps*) são bastante comuns com posições envolvendo taxas de juro, moedas e commodities.

Vale lembrar dos *Credit Default Swap (CDS)* que de acordo com a Istoé Dinheiro (2016), é “um instrumento financeiro geralmente negociado por investidores no mercado de renda fixa (obrigações) para especular ou fazer uma espécie de seguro, caso uma empresa não pague” sua dívida, que é umas das formas de usar o *Swaps* e que foi muito utilizado anos antes da crise eclodir.

A seguir veremos uma imagem utilizada no filme “Inside Job” onde explica a *Securitization food chain* (Cadeia Alimentar de “securitização”).

Figura 1: Cadeia Alimentar da Securitização



Fonte: Ferguson (2010)

É desse novo processo de *Loan Payments* (pagamento de empréstimos) juntamente com o crescimento do mercado financeiro e ambição de lucrar mais, que começa então a bolha imobiliária. Os *Home buyers* que são os donos da casa, no sistema antigo utiliza-se as hipotecas que é uma linha de crédito, que consiste em colocar o imóvel como garantia para conseguir o empréstimo dos credores (*lenders*), com longos prazos e juros baixos.

Porém nesse novo sistema, como explicado no documentário, os emprestadores (*lenders*) vendiam as hipotecas para os bancos de investimentos que combinavam milhares de hipotecas e vários tipos de empréstimos, até as dívidas de cartões de crédito. Criando, assim, uma complexa combinação de derivativos que foi chamada de *Collateralized Debt Obligation* (Obrigação “colateralizada” de débito) ou como foram conhecidas de CDOs. Os bancos de investimentos vendiam essas CDOs para vários investidores no mundo, por isso o nome de colateralizada, pois as dívidas eram repassadas a terceiros. É importante ressaltar também que essas dívidas eram classificadas pela *rating agencies* (agências de risco), onde para isso as mesmas eram pagas pelos bancos de investimentos. Dentro dessas dívidas que eram classificadas, os “*subprimes loans*”, devem ter uma atenção maior, por serem hipotecas de alto risco e com a maior taxa de juros. Era o tipo preferido dos bancários por terem retornos maiores.

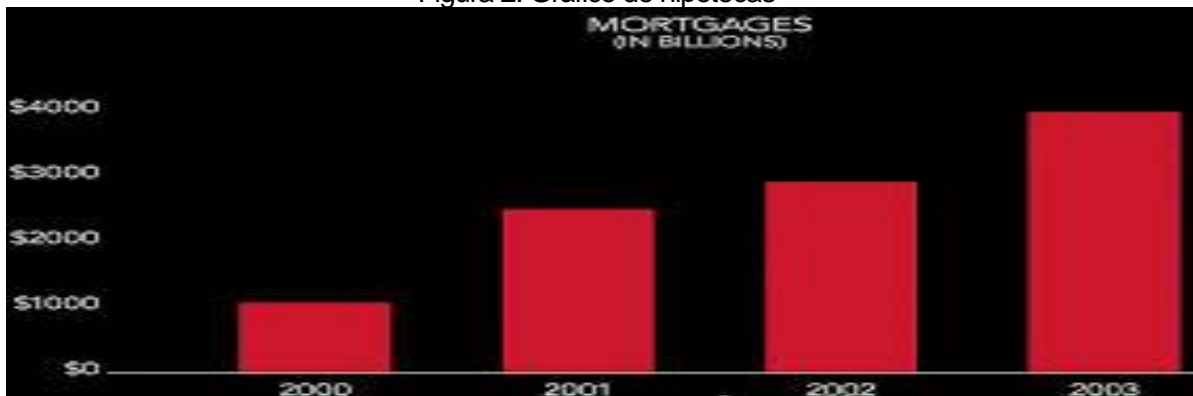
2.2 A Bolha Financeira

No ano de 2000 tem uma certa importância para a crise que foi ocasionada, porque foi nesse dia que o Senador Phil Gramm, inseriu uma disposição essencial na Lei de Modernização de Futuros de Commodities de 2000, que isentava os regulamentos sobre derivativos de balcão, como swaps de inadimplência de crédito pela regulamentação da Commodity Futures Trading Commission (noticiado no site Times). E como no filme “*Inside Job*” relata, em dezembro deste mesmo ano o Congresso aprovou este ato, banindo a regulação de derivativos.

Logo, com toda essa liberdade e com o setor financeiro do EUA crescendo a todo vapor começa então o processo da bolha. Os Bancos de Investimentos (*investment banks*) mais renomados na época e que dominavam as empresas financeiras, citado no documentário *Inside Job*, são os: Goldman Sachs; Morgan Stanley; Lehman Brothers; Merrill Lynch; Bear Stearns.

Ao avaliar então o comportamento das pessoas, aumentou-se o número de hipotecas, até porque com a falta de regularização, todos conseguiam empréstimos e muitas das vezes eram pessoas que não tinham condições de arcar com as despesas. Como vemos a seguir na tabela tirada do filme *Inside Job*, o número de hipotecas quadruplicou em 4 anos.

Figura 2: Gráfico de hipotecas



Fonte: Ferguson (2010).

O problema, segundo o relato do documentário, foi quando houve um aumento dos empréstimos *subprimes*, que já são empréstimos de risco. Ao fazer isso aumentou a quantidade de CDOs, e as agências de risco começaram a avaliá-las como AAA+, que era a maior classificação para se investir, sendo que na verdade eram de alto risco e nem deveriam ter sequer um A na sua classificação de risco. Ou seja, usavam de formas trapaceiras para burlar o sistema e conseguir liberar esses empréstimos, sem responsabilidade algumas das consequências. De acordo com o documentário “*Inside Job*” só a *Countrywide Financial*, a maior fornecedora de empréstimos *subprime*, forneceu US\$ 97 bilhões de dólares em empréstimos em 6 anos. A tabela a seguir mostra o total de hipotecas de 2001 a 2006, contendo dentro delas as *subprimes*.

Tabela 1: Estatísticas das Hipotecas Originadas- US\$ bilhões

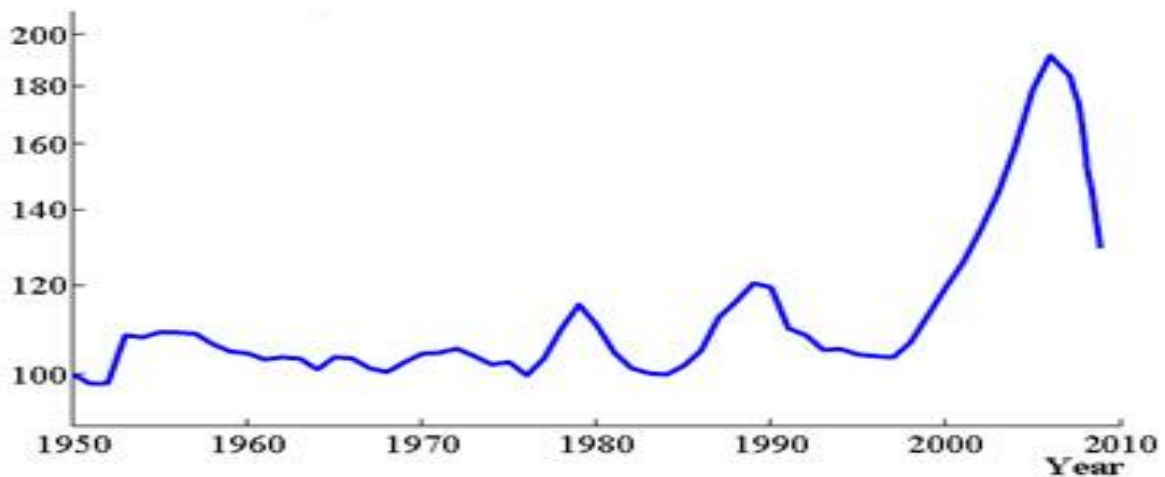
Ano	Total de hipotecas originadas	Hipotecas <i>subprime</i>	Participação dos <i>subprimes</i> no total das hipotecas (%)
2001	2,215	190	8,6
2002	2,885	231	8
2003	3,945	335	8,5
2004	2,92	540	18,5
2005	3,12	625	20
2006	2,98	600	20,1

Fonte: Adaptado de Inside Mortgage Finance, The 2007 Mortgage Market Statistical Annual, Top Subprime Mortgage Market Players and Key Data (2006).

Segundo WRAY (2007, apud Micheletti, 2008), criou-se então um círculo vicioso, todo esse sistema era perfeito para que os preços dos imóveis subissem, juntando ao índice de endividamento cada vez maior e muitos investidores desavisados. Aos poucos foi criando a bolha. Em contrapartida, os agentes

imobiliários não se importavam se os compradores podiam pagar ou não, apenas aumentavam os preços das casas, onde todo o processo de securitização facilitava isso. A seguir a imagem mostrará o aumento dos preços dos imóveis nos EUA na década.

Figura 3: Preço das casas nos EUA



Fonte: Robert Shiller, Historical housing market data.

Nota: Em praticamente qualquer medida, a valorização dos preços das casas entre 2000 e 2006 foi bastante incomum.

É nítido o aumento dos preços dos imóveis, até chegar um ponto onde os corretores começam a fechar, os bancos já não conseguem vender as casas pois o mercado imobiliário entra em declínio e as pessoas começam a ficar sem moradias, pois já estão endividadadas, sem condições de pagar e os imóveis são confiscados. Conforme WRAY (2007, apud Micheletti, 2008) a economia então se contrai, as empresas e bancos começam a quebrar, o desemprego sobe de uma forma brusca, em consequência a renda e o consumo caem e as importações norte-americanas da mesma forma. Cria-se então essa bolha, pois muitas hipotecas não podem se transformar em CDOs, e os investidores tentam vender seus ativos e não conseguem a liquidez necessária. As seguradoras enfrentam grandes perdas e assim a crise é instalada.

Segundo Greenspan (2013, p. 12) por um certo tempo houve melhorias, mas no final da crise tudo parou:

Os dados indicam que a expansão e o estouro de duas bolhas de preços, entre 1994 e 2008, de fato refletiram parcialmente melhorias reais de produtividade. Mas essas bolhas também foram estimuladas por uma

onda de exuberância irracional e euforia. Quando veio o inevitável colapso dessas ondas, produziu-se um medo generalizado, que paralisou os mercados.

Da mesma forma, Krugman (2008, p. 191) afirma que “A crise de 2008 e a economia da depressão” deixa uma reflexão: “A economia mundial se revelou um lugar muito mais perigoso do que se supunha no passado”. E foi em 2008 que ocorre a falência do banco americano *Lehamn Brothers*, um dos maiores na época, e marca o ápice da crise e início da recessão.

3 COMÉRCIO EXTERIOR E CRISE

Ao se tratar do comércio exterior, é importante destacar a sua definição. Para a palavra “comércio” em si, popularmente falando, há várias interpretações. Muitos relacionam o comércio a ter uma empresa ou por ser um prestador de serviços. De maneira mais precisa, o comércio pode ser compreendido como a transferência de propriedade de um bem ou serviço para outro agente, cuja movimentação implica o recebimento de um valor monetário ou outro bem ou serviço. Portanto, o comércio pode ser compreendido como uma transação de troca. Se a transação envolve o pagamento por meio de moeda, os termos “compra” e “venda” podem ser utilizados. (TRIPOLI; PRATES, 2016).

Quando tratamos do comércio exterior, essa transação deixa de ser uma atividade apenas local e passa a ter outra abrangência e benefícios sociais e econômicos, como pode ser relacionado a seguir (CASSAR, 2012):

- Ampliação do mercado consumidor;
- Acesso a uma diversidade maior de fornecedores e também compradores;
- Acesso a novas tecnologias e novos métodos de produção;
- Novas oportunidades de negócios, e;
- Ampliação do fluxo monetário entre os países.

Entretanto, de acordo com Cassar (2012, p. 53), o comércio exterior tem o lado benéfico o qual gera crescimento econômico, abertura para novas oportunidades no mercado e diversidades de produtos, mas também possui o lado não tão bom, que são os resultados aferidos por aqueles países com baixa competitividade internacional. Estes tornam-se dependentes dos produtos estrangeiros mais competitivos e com isso acabam vendo sua indústria nacional definhando.

Por essa importância que se tornou o comércio exterior, surge uma corrente de autores que defendem a autorregulação e a livre iniciativa das empresas e pessoas como fatores de estímulo do desenvolvimento, deixando o Estado ausente. Essa corrente ficou conhecida como o “liberalismo econômico” e veio como uma repulsão ao mercantilismo, período em que a sociedade era determinada quais deviam ser os interesses específicos de cada país. (CASSAR, 2012).

Sabendo disso, a liberdade no mercado financeiro foi o que facilitou o alcance da crise em outros países. Assim de acordo com Moller e Vital, (2013, p.3):

A crise espalhou-se pelo mundo através da interdependência dos sistemas financeiros nacionais, através de bolhas especulativas em mercados imobiliários de outros países (Reino Unido, Espanha, Irlanda), através das expectativas, através da queda da demanda global, das exportações, da atividade econômica e do emprego e da queda dos preços das ações que forçaram governos e bancos centrais em muitas partes do mundo a seguir as políticas intervencionistas dos Estados Unidos.

Vemos abaixo na tabela as perspectivas macroeconômicas de Estados Unidos, China, Japão, Alemanha e Brasil no período de 1980-2012 elaborado por Moller e Vital (2013), a qual trata das importações, exportações, e a transações correntes e dívidas públicas do PIB (Produto Interno Bruto).

Tabela 2: Indicadores macroeconômicas Estados Unidos, China, Japão, Alemanha e Brasil 1980-2011

Países/Indicadores	1980-1989	1990-1999	2000-2007	2008	2009	2010	2011
Taxa anual de crescimento do PIB (%)	3,0	3,2	4,3	-0,3	-3,5	3,0	1,7
Taxa anual de crescimento das importações (%)	5,6	9,2	13,0	-3,8	-15,6	14,8	5,7
Taxa anual de crescimento das exportações (%)	5,4	7,6	9,9	6,3	-12,0	14,4	7,4
Transações Correntes/PIB (%)	-1,7	-1,6	-4,9	-4,7	-2,7	-3,2	-3,1
Dívida Pública bruta/PIB (%)	53,0	68,2	62,1	76,1	89,9	98,5	102,9
Taxa anual de crescimento do PIB (%)	9,7	10,0	13,2	9,6	9,2	10,4	9,2
Taxa anual de crescimento das importações (%)	9,5	12,9	22,8	3,4	2,5	22,3	9,7
Taxa anual de crescimento das exportações (%)	8,4	15,7	23,8	8,2	-10,7	28,4	9,4
Transações Correntes/PIB (%)	-0,3	1,7	4,6	9,1	5,2	5,1	2,8
Dívida Pública bruta/PIB (%)	3,7	7,7	18,0	17,0	17,7	33,5	25,8
Taxa anual de crescimento do PIB (%)	4,4	1,5	1,4	-1,0	-5,5	4,4	-0,7
Taxa anual de crescimento das importações (%)	3,4	6,6	9,1	0,1	-16,0	15,3	5,8
Taxa anual de crescimento das exportações (%)	5,1	3,4	4,8	-1,3	-27,6	25,4	-2,1
Transações Correntes/PIB (%)	2,0	2,3	3,3	3,2	2,8	3,6	2,0
Dívida Pública bruta/PIB (%)	64,3	91,1	170,4	191,8	210,2	215,3	229,8
Taxa anual de crescimento do PIB (%)	1,9	2,1	2,4	0,8	-5,1	3,6	3,1
Taxa anual de crescimento das importações (%)	3,8	5,8	7,2	3,7	-9,8	12,8	8,8
Taxa anual de crescimento das exportações (%)	4,9	5,0	7,0	2,3	-16,3	15,2	9,1
Transações Correntes/PIB (%)	2,0	-0,6	3,2	6,2	5,9	6,1	5,7
Taxa anual de crescimento do PIB (%)	2,9	1,6	3,1	5,2	-0,3	7,5	2,7

Fonte: Adaptado de Moller e Vital (2013, p.4)

Ao analisarmos o cenário do comércio exterior em geral, mesmo aqueles que não tinham relação alguma com as hipotecas do Estados Unidos, eles foram atingidos. De acordo com Claessens et al. (2010), os países mais atingidos foram os que tinham relações financeiras mais intensas com os Estados Unidos. (apud FACHINELLO; MEURER, 2017, p. 164).

A China, entretanto, foi o país com o maior superávit em 2007, logo quando a crise do *subprime* estourou. Foi então, que se criou várias versões para tentar explicar o desbalanceamento global que estava ocorrendo. Uma das versões foi a de Martin Wolf, chamada de *money glut*, nessa visão as nações que poupavam foram as vítimas passivas da crise, com o consumo desenfreado dos Estados Unidos sendo o elemento primordial para que gerasse um desbalanceamento global. (DAMAS, 2016).

Vimos na tabela “Indicadores macroeconômicas Estados Unidos, China, Japão, Alemanha e Brasil 1980-2011” o quanto foram afetados as importações e exportações de cada país, independente do superávit.

A Europa ocidental, especificamente:

foi contagiada pela crise financeira em virtude das fortes vinculações financeiras, uma vez que muitos bancos de vários países europeus possuem expressivas quantidades de papéis lastreados pelas hipotecas *subprime* dos EUA. Nessas condições ocorreu redução da liquidez, criando assim, efeitos desfavoráveis sobre a demanda e, conseqüentemente, sobre a atividade econômica. (CARCANHOLO apud COSTA; GOMES; LÍRIO, 2012, p. 81).

A condição desses países europeus é particularmente séria tendo em vista a existência de pressão inflacionária – elevação dos preços do petróleo e dos alimentos –, “que limita a capacidade de se reduzir taxas de juros e aumentar os gastos governamentais para se evitar a recessão e compensar a desaceleração estadunidense”. (CARCANHOLO apud COSTA, GOMES, LÍRIO, p. 81 2012).

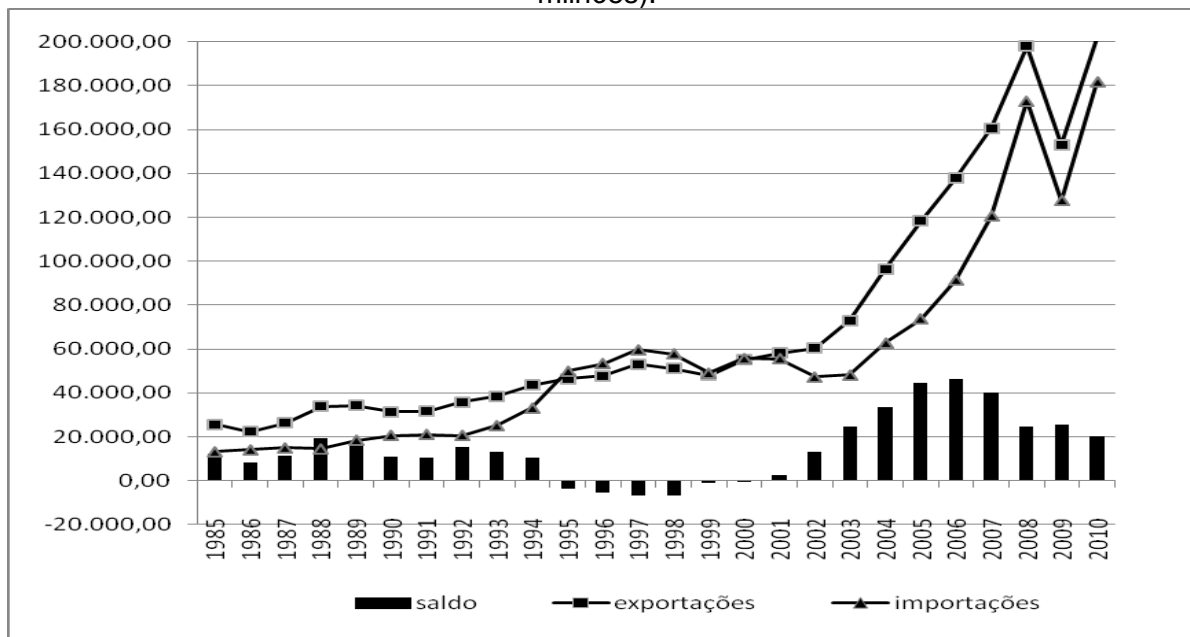
Resumindo, as grandes nações da época foram fortemente abaladas pela crise financeira, isso sequencialmente afetou os países subdesenvolvidos e que eram dependentes dos países mais estruturados.

4 REFLEXOS DA CRISE NO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

Antes de analisar o pós-crise no comércio exterior brasileiro, deve-se realizar uma análise dos anos anteriores. Levando em conta as importações, as exportações, o PIB, tal como a balança comercial e como o mercado brasileiro se comportava na década dos anos 2000.

A balança comercial brasileira foi “superavitária, na maior parte do período analisado, com um saldo médio positivo de US\$14 bilhões anuais. Contudo os saldos oscilaram, apresentando déficits em meados da década de 1990 e superávits recordes ao longo dos anos 2000”, como pode ser analisado no gráfico abaixo. Fatores importantes influenciaram esse comportamento, como o preço dos produtos brasileiros no comércio internacional, a variação da taxa de câmbio, “as opções de política econômica e a conjuntura externa”. (ANSANELLI, 2017, p.68).

Figura 4: Brasil: Exportações, importações e saldo comercial, 1985-2010 (em US\$ milhões).



Fonte: Banco Central do Brasil (2016).

De acordo com ANSANELLI, (2017), citando outros autores como base:

as principais mudanças ocorridas na economia brasileira entre 1985-2010, numa primeira fase (1985-1994) de mudanças políticas e maior exposição à concorrência externa, os saldos comerciais foram superavitários, oscilando entre US\$ 8 bilhões e US\$ 19 bilhões. Durante o

período de câmbio fixo do Plano Real, com a valorização cambial do Real ficando essa moeda próxima ao valor do dólar, aliada as crises internacionais (1995-98), ocorreram déficits recorrentes, que atingiram um máximo de US\$ 7 bilhões em 1997. O período seguinte (1999- 2002), marcado pela flutuação cambial, desvalorização do Real e reestruturação da política econômica em torno de metas de inflação e ajuste fiscal, foi de transição para novos superávits. Na fase posterior (2003-2008), de conjuntura internacional favorável e crescimento do comércio, os saldos positivos superaram os níveis mais elevados dos anos 1980, apresentando valores médios de US\$ 35 bilhões e um máximo de US\$ 45 bilhões em 2006, apesar do aumento da demanda interna e valorizações da taxa de câmbio. A crise internacional de 2008 gerou redução da atividade econômica mundial, queda dos preços das commodities e interrupção dos fluxos de financiamento internacional, causando uma reviravolta nos fluxos mundiais de comércio e queda dos superávits da balança comercial em 2008 e 2010, apesar do aumento das exportações neste último ano (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2014; RIBEIRO, 2009b apud ANSANELLI, 2011, p. 68-69).

A respeito dos sistemas econômicos no Brasil, GIL e Barizão afirmam:

No Brasil, os sistemas econômico e financeiro não declinaram como os norte-americanos e europeus pelo fato dos bancos nacionais não estarem profundamente vinculados aos títulos podres de dívidas hipotecárias. Parte-se do pressuposto de que essa falta de vínculo se deve principalmente à política econômica do governo Lula. Após ter vencido as eleições de gerais de 2002, Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), assumiu em janeiro de 2003 a presidência como candidato de oposição pautando-se em críticas severas à política mais liberal que o governo anterior estava implantando no Brasil. Também assumiu com a esperança do povo e do mercado de um governo mais ético, transparente e combativo a corrupção, já que o país vinha de sucessivos governos imerso em escândalos de corrupção, privatizações de grandes empresas estatais com resultados dúbios, etc. Entretanto, passado algum tempo, o que se notou no decorrer do governo Lula, foi a manutenção de algumas características essencialmente liberais e até mesmo a intensificação de outras. (GIL; BARIZÃO, p. 19, 2012).

Logo a seguir, denúncias de escândalo e de corrupção também começaram a aparecer naquele governo.

O Brasil se encontrava no segmento de países em desenvolvimento, e uma das características principais do comércio exterior desses países são as commodities.

O peso das commodities na pauta exportadora de países em desenvolvimento tem reacendido discussões quanto à abundância de recursos naturais e suas implicações para o desenvolvimento.

Principalmente decorrente de um ciclo no contexto do comércio internacional com o aumento dos preços nas commodities entre 2003-2008 e posteriormente a crise mundial. As principais questões debatidas estão relacionadas com a conotação positiva ou negativa dos efeitos das exportações de commodities sobre as contas externas e sobre o crescimento econômico. (ANSANELLI, 2017, p. 72-73).

De um ponto de vista negativo ANSANELLI (2017) traz outros argumentos:

[...] argumenta-se que os preços internacionais das commodities são muito voláteis e apresentam uma tendência de queda no longo prazo. Se o país é fortemente dependente das exportações de poucas commodities, apresentando especialização nesses bens, isso pode representar um elemento adicional na vulnerabilidade externa, no sentido de que, durante fases de queda dos preços, seria muito difícil realizar o ajuste do balanço de pagamentos, o que aumentaria a necessidade de financiamento externo na forma de capitais especulativos. Por outro lado, também seriam gerados efeitos negativos sobre a atividade econômica, pois, durante a alta dos preços das commodities, aumentariam as receitas de exportações do país, fortalecendo a especialização na produção e exportação desses bens. O ingresso dessas divisas contribuiria para a geração de superávit comercial e para a apreciação da taxa de câmbio real. A combinação de superávit comercial com apreciação cambial constitui o fenômeno conhecido por “doença holandesa” (Doença holandesa é o processo desencadeado pela descoberta ou abundância de recursos naturais, o qual recebeu esse nome porque, nos anos 1960, na Holanda, a descoberta de gás natural gerou realocação de recursos na economia. No médio prazo, o boom das exportações da commodity levou a uma apreciação real do câmbio e depressão das exportações industriais do país (NASSIF, 2008). Como consequência desse fenômeno, os dois processos – acentuação da especialização em commodities e apreciação real do câmbio – desestimulariam as exportações de outros bens comercializáveis nos quais o país não possui vantagens (industriais). Dessa forma, ocorreria um processo de realocação de recursos desses setores (industriais) para aqueles nos quais o país possui vantagens (commodities), caracterizando um processo de “desindustrialização negativa”. Nesse caso, acredita-se que o desenvolvimento é setor-específico, uma vez que o setor industrial apresenta maior valor agregado, efeitos encadeados com outros setores e constitui o foco da inovação tecnológica. (ANSANELLI, 2017, p. 73-74).

Entretanto, em alguns países desenvolvidos o setor de exportação de commodities são vistos de forma positiva, já que assim pode se utilizar da teoria do economista David Ricardo, do século XVIII, que se chama a teoria da vantagem comparativa. Essa teoria consiste em que um país por ter uma certa facilidade em produção de certo produto, pode muito bem concentrar seus esforços e aumentar o crescimento econômico já que tem vantagem comparado com os outros países.

O setor de commodities também contribui para o crescimento econômico, pois apresenta elos com outros setores, possibilidades de

desenvolvimento tecnológico e externalidades positivas. Desse ponto de vista, o crescimento de longo prazo depende da acumulação de fatores e do progresso técnico, independentemente da composição setorial da produção. Não é a regra, também, que os países sejam totalmente especializados em uma ou poucas commodities, havendo certa diversificação em suas exportações. Os problemas residem na forma como são administradas as receitas das exportações das commodities, de modo que a grande participação das exportações desses bens pode não ser negativa para as contas externas e para a renda do país. Como ocorreu com as economias avançadas, em longo prazo, há uma tendência de aumento da participação do setor de serviços no lugar do industrial no produto nacional, assim como o aumento da produção industrial substituiu a liderança do setor agropecuário no passado. Este processo de perda natural da participação do setor industrial no produto dos países em favor do setor de serviços é chamado de “desindustrialização positiva”. (ANSANELLI, 2017, p. 73).

Entretanto, segundo Pinto (2010 apud NETA, 2014, p. 19):

a regressividade da pauta exportadora brasileira evidencia-se pelo fato de as importações de produtos intensivos em tecnologia ter aumentado mais rapidamente que as exportações desses produtos; e os superávits comerciais são gerados por produtos intensivos em recursos naturais e com baixa intensidade tecnológica. Percebe-se que com a crise econômico-financeira intensificou mais ainda esse processo, visto que a regressão produtiva se aprofundou de forma ainda mais acelerada durante o período de 2007 e 2009.

A respeito das exportações podemos verificar de acordo com ANSANELLI, (2017):

Entre 2003-2008, ocorreu crescimento dos preços das exportações em relação a 1990 de produtos básicos (140%), semimanufaturados (110%) e manufaturados (70%). Com relação ao *quantum*, foi verificado um rápido crescimento entre 2000-2007 em relação a 1990, de básicos (170%) e de manufaturados (125%), e, durante a crise, entre 2007-2009, cresceram apenas as exportações dos produtos básicos, mas, em valor, a maior parcela de exportações continuou sendo dos manufaturados. Ao mesmo tempo, o autor verificou um crescimento modesto do coeficiente de penetração de importações na oferta de produtos industrializados entre 1990 e 2001 de 6,3% para 18,3% com as reformas comerciais. O cenário de 2001-2008, de valorização de cerca de 30% da taxa de câmbio real, foi capaz de gerar um maior volume de comércio (de US\$ 114 bilhões para US\$ 371 bilhões) e um coeficiente de penetração de produtos industrializados menor do que de 2001 (ARAUJO JÚNIOR, 2010 apud ANSANELLI, 2017, p. 75).

Analisaremos então as exportações brasileiras nos 3 anos anteriores à crise, seguindo as participações por segmentos e analisando os principais parceiros. Na tabela abaixo estão dados de 2002-2007 sobre as exportações.

Tabela 3: Brasil - Exportações em US\$ Bilhões

Ano	Petróleo	Matérias Primas	Prod. Florestais	Agri-cultura Tropical	Produtos Animais	Cereais , etc	Intensivo em Trabalho	Intensivo em Capital	Maq. Eletr.	Maq.Veículos Rodov.	Maq. Outros Transp.	Maquinaria Demais	Química
2004	4,4	8,7	6,0	7,4	7,1	13,4	7,3	11,9	3,5	7,9	4,7	8,7	5,8
2005	7,0	11,9	6,4	9,9	9,1	12,6	8,5	14,6	5,5	11,0	3,8	10,9	7,3
2006	10,6	15,9	7,2	13,0	9,6	12,9	9,5	15,8	6,1	11,9	3,7	12,3	9,3
2007	13,3	18,9	8,1	13,6	12,6	17,4	10,5	17,7	5,7	12,7	6,1	13,4	10,7

Fonte: Adaptado de IEDI, 2007.

De acordo com a pesquisa da IEDI, 2007, os seguintes resultados foram percebidos:

O setor de *matérias primas* manteve-se, em 2007, como o maior segmento exportador da economia brasileira, acima dos produtos *intensivos em capital* e do segmento de *cereais*. Em 2005, as *matérias primas* figuravam apenas em terceiro lugar. O principal subsetor a ser considerado é minérios metálicos e sucata (aumento de 22,8%); O segmento *maquinaria outros de transporte* foi o que atingiu maior crescimento com relação ao ano anterior, 64,0%. Em 2005 e em 2006, esse segmento apresentou decréscimo de suas vendas externas, obtendo uma grande recuperação em 2007. As vendas de aeronaves (aumento de 47,1%) e também de navios (expansão de 2.335,0%, porém com base pequena) merecem destaque; Outros dois setores cresceram substancialmente em 2007: *cereais* e *produtos animais*. O primeiro teve uma expansão de 34,8%, o que significou um resultado muito superior aos fracos desempenhos de 2005 e 2006 (respectivamente -6,0 e 2,4%) e garantiu o terceiro lugar entre os segmentos de exportação. Os destaques foram as vendas de milho com um aumento de 298,2%, além de soja. Já as exportações de *produtos animais* cresceram 31,6%, mantendo a forte tendência de expansão dos últimos anos; Com desempenhos superiores a 10% estão os seguintes setores: *petróleo* (25,5%), *matérias primas* (19,2%), *química* (15,2%), *produtos florestais* (12,5%), *intensivo em capital* (11,9%) e *intensivo em trabalho* (10,4%). Contudo, todos esses segmentos tiveram resultados consideravelmente inferiores à média dos anos anteriores; Três setores figuram entre os que cresceram em até 10%. O segmento *maquinaria demais* teve uma expansão de 8,9%, enquanto os setores *maquinaria veículos rodoviários* e *agricultura tropical* tiveram aumentos de 7,1% e 4,5%, respectivamente. Isso caracteriza um crescimento bastante inferior à média obtida nos últimos anos; O único setor com crescimento negativo foi o de *maquinaria-eleto-eletrônica* com - 7,8%, rompendo o ciclo de crescimento dos últimos anos. O principal subsetor que contribuiu para o desempenho negativo foi o de telecomunicações, reproduções (- 25,0%). (IEDI, 2007, p. 13-14).

O quadro abaixo, de acordo com pesquisa da IEDI(2008) evidencia os principais aspectos sobre as exportações em 2008:

Tabela 4: Exportação Brasileira - 2008/2007 - US\$ Milhões FOB

Setores	Valor		Participação %		Contribuição %
	2008	2007	2008	2007	
Ano	2008	2007	2008	2007	
Básicos	73.028	51.596	36,9	32,1	57,5
Industrializados	119.756	105.743	60,5	65,8	37,6
Semimanufaturados	27.073	21.800	13,7	13,6	14,1
Manufaturados	92.683	83.943	46,8	52,3	23,4
Op. Especiais	5.159	3.311	2,6	2,1	5,0
Total	197.942	160.649	100,0	100,0	100,0

Fonte: Adaptado de Funcex (apud IEDI 2007).

Sobre esses dados apresentados pode-se concluir que:

O crescimento das exportações em valor do setor básicos em 2008 com relação a 2007 (41,5%) foi considerável e superior ao obtido em 2007 na comparação com 2006 (28,1%). Já os setores de semimanufaturados e manufaturados obtiveram um crescimento de 24,2% e 10,4% respectivamente, considerando o mesmo intervalo de tempo (11,7% e 11,9% em 2007 contra 2006). É importante notar a diferença entre os desempenhos dos bens básicos e dos produtos industrializados, que vem se repetindo ao longo dos últimos anos. Isto reflete uma dinâmica de preços muito favorável a esses produtos até o agravamento da crise internacional, mas é indicador também de uma especialização da pauta de exportação cada vez maior do país em produtos com menor conteúdo tecnológico, agregação de valor e grau de industrialização. O setor que apresentou pior desempenho em 2008 foi o de manufaturados, ficando bem abaixo dos outros dois (semimanufaturados em 2007). A contribuição dos setores para o crescimento das exportações manteve-se em linha com o ano de 2007, tendo em vista que o principal setor foi o de bens básicos (57,5%). Esta liderança foi ainda mais expressiva no ano de 2008 do que no ano de 2007, quando a contribuição deste segmento atingiu 49,5%. O segmento dos manufaturados permaneceu em segundo lugar, porém com uma tendência de queda que vem se verificando desde 2006 (49,9% de contribuição em 2006, 39,1% em 2007 e 23,4% em 2008). Do ponto de vista do destino das exportações, alguns resultados do ano de 2008 merecem comentários. O maior destaque positivo das vendas externas brasileiras no ano de 2008 foi, sem nenhuma dúvida, a Ásia. O crescimento atingiu 49,3% com relação ao ano de 2007 – o segundo maior dentre todos os blocos econômicos. Como resultado de tal expansão, este bloco econômico tornou-se o segundo principal destino das vendas brasileiras, superando o NAFTA e ficando atrás somente da União Européia. Além disso, foi responsável pela maior contribuição para o aumento das exportações com 33,1%. (IEDI, 2018, p. 13).

Vemos então que os dados obtidos mostra que inicialmente o Brasil não teve dificuldades com a crise, em todos os aspectos gerais o Brasil obteve um crescimento de 2007 para 2008.

A União Européia não manteve o dinamismo de 2007, quando se tornou o principal mercado para as exportações do país, mas manteve-se como

o principal destino das vendas brasileiras e com a segunda maior taxa de contribuição para o aumento das vendas externas. Considerando os aspectos negativos, o crescimento em 2008 foi muito pouco expressivo das exportações para um dos principais mercados, os EUA, com apenas 9,2%. O desempenho exportador para os outros países do Nafta foi ainda pior, o que levou a um crescimento de somente 5,8% das vendas externas para este bloco. Diga-se de passagem, o menor dentre todas as regiões analisadas. Cabe também ressaltar que em 2007 e em 2006 o desempenho das vendas externas nesses dois casos seguiu um caminho semelhante, o que pode caracterizar uma situação de estagnação desses mercados para os produtos brasileiros. (IEDI, 2009, p.13-14).

Em comparação dos anos 2007 e 2008 o IEDI trouxe os dados que:

[...] mostram aumento das exportações em 2008 com relação a 2007 em todos os setores, indicando que o aumento total de 23,2% das vendas externas foi bem distribuído. Cabe ressaltar que esses aumentos foram especialmente significativos (acima de 30%) nos seguintes segmentos: *cereais* (segmento que inclui as exportações do complexo soja), *petróleo* e *matérias primas*. O setor de *matérias primas* manteve-se em 2008, assim como em 2007 e 2006, como o maior segmento exportador da economia brasileira, acima de *cereais* e dos produtos *intensivos em capital*. Vale lembrar que em 2005, as *matérias primas* figuravam apenas em terceiro lugar. O avanço entre 2008 e 2007 atingiu 34,0%, o terceiro maior crescimento dentre todos os setores. O principal subsetor a ser considerado é o de minérios metálicos (com destaque para ferro) e sucata (expansão de 50,4%). O segmento *cereais* foi o que atingiu maior crescimento com relação ao ano anterior, 43,7%. Isto definiu uma recuperação do setor, tendo em vista que entre 2004 e 2005 houve decréscimo das vendas e entre 2005 e 2006 um aumento de apenas 3,2%. Com o desempenho de 2008 este segmento ultrapassou o setor *intensivo em capital* e passou a figurar em segundo lugar no que diz respeito às vendas externas. As exportações de soja e dos produtos relacionados foi o fator que determinou este desempenho (o valor das vendas de sementes e frutas oleaginosas aumentou 63,3%). Os preços de commodities como a soja incorreram em fortes elevações até meados de 2008, momento em que a crise financeira internacional ainda não havia atingido a economia mundial totalmente nas suas variáveis reais (especialmente China) e em que a especulação com relação aos preços nos mercados futuros de commodities internacionais era forte. (Levando em conta apenas último trimestre de 2008, no qual a crise financeira internacional se aprofundou e mostrou realmente seus impactos nas variáveis reais da economia do país, as exportações atingiram US\$ 47,1 bilhões. É importante ressaltar que os efeitos negativos sobre as exportações causados pela redução de preços de commodities e menor demanda externa se sobrepuseram aos possíveis efeitos positivos da desvalorização da moeda nacional. Ao passo que no caso das compras externas a combinação de desvalorização e queda de preços e da demanda interna por bens engendrou a diminuição relativa das importações no último trimestre. No que diz respeito ao dinamismo das exportações, no último trimestre de 2008 com relação ao mesmo período de 2007, houve um crescimento de apenas 6,9%. Isto corresponde ao pior desempenho desde 2003 e reflete os fatores adversos já indicados. As compras externas, por sua vez, aumentaram com relação ao último trimestre de 2007 em magnitude bem maior (20,0%). Como resultado, o saldo comercial recuou 43,7%, de US\$ 9,1 bilhões no último trimestre de 2007 para US\$ 5,1 bilhões em igual período de 2008, retornando ao patamar de 2002. Esses resultados mostram que os diversos

desdobramentos da crise internacional não favoreceram o comércio exterior brasileiro. (IEDI, 2009, p. 16-17 24).

Mas é fundamental abordar que o aumento de preços e das exportações de commodities não foi um efeito somente da crise, como também de um momento que é o “efeito China”, motivo também que explica o porquê da China não ter sido tanto afetada por essa crise.

Sobre esse pensamento assim diz Hiratuka, Sarti (2016):

No caso específico do Brasil, certamente, o crescimento da demanda chinesa por commodities primárias (agrícolas, mineiras e combustíveis), seus efeitos sobre a quantidade demandada, e os preços internacionais dessas commodities foram fatores que ajudam a explicar o melhor desempenho do país. (HIRATUKA; SARTI, 2016 p. 84)

Diferente dos outros países a China estava em ascensão no comércio internacional, se tornou a maior exportadora mundial de 2009 e conseguiu manter sua economia em um patamar elevado, “ao contrário da maioria dos outros países, que sofreram de maneira importante os impactos da crise do subprime.” (HIRATUKA; SARTI, 2016, p. 84)

5 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE DE FRANGO

Antes de analisar a BRF Brasil Foods S.A, é necessário ter uma visão do produto de maior destaque da empresa no cenário do comércio internacional: a carne de frango.

O mercado mundial de carne de frango tem manifestado notórias mudanças nos últimos anos nos níveis de produção, consumo, exportações e importações. Existe uma relação inerente entre a produção, o consumo interno e suas exportações. Assim, a Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frangos (ABEF) (2010), referindo-se à posição atual do país no mercado mundial, menciona que embora o consumo interno de carne de frango absorva 2/3 da produção de frangos, o Brasil tem se afirmado como um dos principais exportadores de carne de frango no cenário mundial desde 2004. (MEJIA, 2013, p.12).

De acordo com MEJIA (2013, apud): “Brasil (2010) menciona que o setor de carnes ocupava a segunda posição na cesta de produtos de exportação do agronegócio brasileiro com participação de 21,5% no ano de 2009, gerando uma receita de US\$ 11,79 bilhões de dólares. O setor tem se constituído, assim, em um significativo elemento para o fortalecimento da balança comercial. Neste contexto, a carne de frango tem alcançado uma significativa representatividade dentro do setor de carnes. Elementos como o alto nível tecnológico alcançado pela avicultura nacional, especificamente na avicultura de corte, colocam o setor em posição privilegiada em relação às outras atividades pecuárias desenvolvidas no Brasil, com um nível de produtividade internacional comparada a dos países mais desenvolvidos no mundo.”

As tabelas a seguir demonstram a importância da produção de carnes de frango no mercado brasileiro e seu alcance no mercado internacional:

Tabela 5: Produção Mundial de Carne de frango (em Milhões de toneladas)

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
EUA	13,70	14,03	14,47	14,70	15,29	15,87	15,93	16,23	16,56	15,98
China	9,27	9,28	9,56	9,90	10,00	10,20	10,35	11,29	11,90	12,10
Brasil	5,98	6,74	7,52	7,84	8,49	9,35	9,34	10,31	10,94	10,98
EU	7,61	7,88	7,79	7,51	7,63	8,17	7,74	8,32	8,56	8,62
México	1,94	2,07	2,16	2,29	2,39	2,50	2,59	2,68	2,80	2,81
Total Mundial	50,47	52,24	54,16	54,28	55,95	63,12	64,29	68,26	71,44	71,72

Fonte: Adaptado de MEJIA, 2013.

No período compreendido entre 2000 e 2009, vemos um crescimento anual na taxa de produção brasileira de carne de frango, chegando em 2009 a quase dobrar a produção de 2000 e se manteve acima da média mundial, ou seja, ano por ano a produção brasileira foi quem experimentou o maior crescimento quando comparada com a produção de outros países (MEJIA, 2013).

Tabela 6: Indicadores das exportações brasileiras de carnes de frango (1999 a 2008)

ANO	1999	2001	2003	2005	2008
US\$ - FOB (US\$ 1000)	875.438	1.291.654	1.709.743	3.324.208	5.821.977
PESO (TONELADA)	770.582	1.249.282	1.922.042	2.761.966	3.267.889
PREÇO MÉDIO (US\$/T)	1.136,07	1.033,92	889,55	1.203,57	1.781,57

Fonte: Adaptado de MDIC/Secex (apud JUNIOR 2010, p.22)

Dessa forma, percebe-se também na tabela 8, que mesmo com a crise econômica-financeira que eclodiu no ano de 2008, em relação às exportações de carnes de frango, devido ao bom desempenho desde 2004 sendo principal exportador de carne de frango, fez com que Brasil não sentisse o impacto repentino da crise dos “subprimes”.

Tabela 7: Maiores exportadores de carnes do mundo em mil toneladas (1999-2008)

País	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Brasil	750	893	1,24	1,59	1,90	2,41	2,73	2,50	2,92	3,24
Estados Unidos	2.08	2.23	2.52	2.18	2.23	2.17	2.36	2.36	2.67	3.15
União Européia	764	762	718	841	723	728	696	690	635	743
Total Mundial	4.44	4.86	5.59	5.78	5.95	5.98	6.83	6.55	7.38	8.41

Fonte: Adaptado de FORNARI, 2010, p.32.

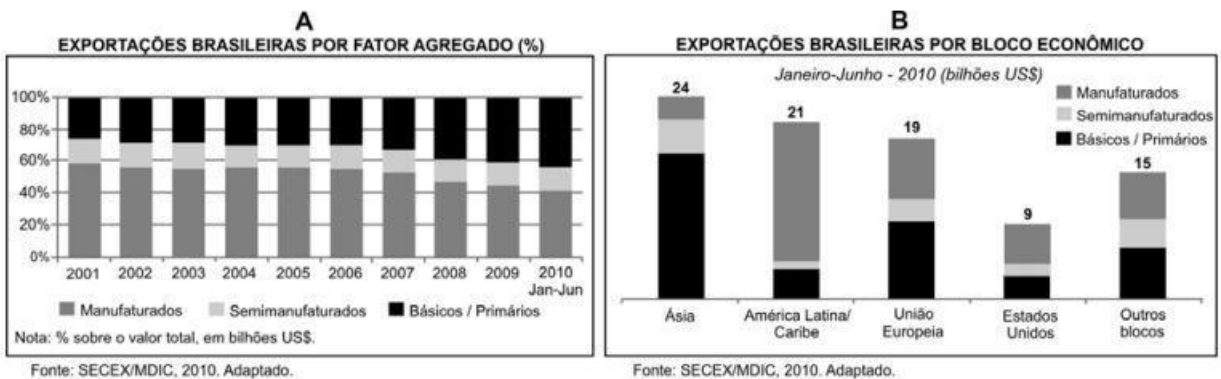
A tabela 7 apresenta o crescimento das exportações de carnes de frango correspondente ao período de 1999 a 2008. Vigorando o regime de taxas de

câmbio flexível que presenciou um aumento nas exportações em torno de 565%, onde a quantidade exportada passou de 770.582 toneladas em 1999 para 3.267.889 toneladas em 2008, um crescimento em torno de 324%. (JUNIOR, 2010).

Entretanto, quando analisamos os impactos pós-crise nas exportações em geral, é interessante observar que os parceiros comerciais do Brasil começam a diversificar e também a demanda dos produtos. De acordo com Marconi(2013, p. 4):

Um dos impactos mais significativos da crise sobre as exportações brasileiras é a redução da importância relativa dos Estados Unidos e da Europa na pauta de exportações – que já vinha ocorrendo, mas se tornou mais acentuada a partir de 2009. A Europa permanece um destino muito relevante, mas os Estados Unidos correspondem ao mercado de exportadores que foi mais afetado pela crise. Já o crescimento da participação da China e do restante da Ásia muito se acentuou. A partir desta análise, pode-se notar que, para o Brasil, os parceiros comerciais protagonistas estão mudando. Os exportadores brasileiros buscaram outros mercados, o que possibilitou a recuperação das vendas externas, calculadas em preços constantes, para os patamares pré-crise.

Figura 5: Exportações brasileiras por fator agregado e bloco econômico



Conforme mencionado no capítulo 4 Reflexos da crise no comércio exterior brasileiro, o Brasil teve um aumento na relação dos países, especialmente a China que estava em ascensão, isso explica muito os destinos das exportações brasileiras.

5.1 Análise da “BRF Brasil Foods S.A” na crise e no pós-crise

Complementando a respeito das exportações, a figura acima comprova o comportamento das exportações brasileiras. Na figura 5 tem o gráfico A, há um

aumento gradativo das exportações de produtos básicos/primários, conforme mencionado, os outros setores foram os mais impactados com a crise dos “subprimes” e os produtos básicos/primários do Brasil atendiam melhor a demanda mundial naquela situação. Ainda na figura 5 tem o gráfico B, mostra o mercado asiático como o principal importador dos produtos básicos/primário brasileiros.

BRF Brasil Foods S.A. surgiu em 2009 com a fusão de duas das maiores empresas brasileiras de alimentos (Perdigão e Sadia). A fusão aconteceu a partir da alteração da denominação social da Perdigão, que passou a se chamar BRF Brasil Foods S.A. e com a incorporação das ações ordinárias e preferenciais da Sadia (em 18/08/2009) que passou a ser subsidiária integral da companhia. A fusão tornou a BRF Brasil Foods a maior exportadora mundial de aves e a maior empresa global de proteínas em valor de mercado, com mais de 100 mil funcionários, com 63 unidades de produção e uma receita bruta de R\$ 24,4 bilhões (VALOR, 2009 apud FORNARI, 2010). É isso que traz um aspecto bem interessante para analisar, pois a BRF Brasil Foods nasce durante uma crise econômico-financeira e se mantém uma das maiores empresas não só no Brasil, como mundialmente.

Sadia e Perdigão ensaiaram três tentativas de associação. A primeira foi em 1999 que nas palavras de Secches, presidente da Perdigão, "há dez anos nos reuníamos para falar sobre o assunto, mas a conversa não seguiu muito adiante". A segunda foi em 2002 e obteve êxito parcial, onde foi criada a Brazilian Foods (BRF Trading S.A) com atuação voltada para exportação com foco na região conhecida como "Eurásia". A união comercial durou um ano e meio e foi desfeita. A terceira tentativa ocorreu em 2006 e mostrou-se a mais traumática e quase pôs fim a qualquer possibilidade de associação porque foi uma oferta hostil de compra da Perdigão por parte da Sadia, então presidida por Walter Fontana, primo do antigo presidente Furlan. O caso arranhou a imagem da Sadia e acabou resultando na instauração do primeiro processo brasileiro por uso de informações privilegiadas na iniciativa privada. "Depois desta última, ficamos com a sensação de que não daria certo mesmo", contou Secches (GAZETA MERCANTIL, 2009). A tentativa de compra da Perdigão por parte da concorrente pode ser atribuída à capacidade de alavancagem financeira da Sadia, mas esta vantagem se transformou num enorme ônus a partir de 2008. (COSTA; SANTOS, 2009, p.168)

Podemos conferir então a forma que se deu a fusão pelas notícias veiculadas em 2009:

Os anos de alavancagem financeira da Sadia se transformaram num

ônus com a crise de 2008 que foi levada em conta na distribuição das ações da Brasil Foods. Segundo as informações da Revista Exame (2009b, p. 21 e 22), Furlan exigia que a Sadia fosse a controladora da BRF detendo 45% das ações, justificando a sua posição pelo fato da empresa ter uma receita operacional de R\$ 700 milhões e ser a dona de uma das mais valiosas marcas do país, mesmo com o aperto financeiro e prejuízo de R\$ 2,5 bilhões. De outro lado, os fundos de pensão controladores da Perdigão não aceitaram e ofereceram 19%. Após duras negociações e argumentações de Secches junto aos fundos de que seria vantajoso dar um percentual maior da BRF para a Sadia, o negócio foi concluído com 68% para a Perdigão e 32% para a Sadia. No entanto, os fundos controladores da Perdigão exigiram que a dívida da BRF fosse administrável. Assim, a dívida inicial da nova firma de R\$ 10 bilhões, será em parte abatida pela emissão de ações no valor de R\$ 4 bilhões e que deve ocorrer até o fim de julho de 2009 (G1, 2009, apud COSTA; SANTOS, 2009, p. 169).

Por conta da BRF ser uma fusão que se iniciou em 2009, é importante analisar o desempenho da Sadia e da Perdigão nos anos anteriores. A Sadia é uma empresa fundada em 1944 na cidade de Concórdia, Estado de Santa Catarina com a aquisição do frigorífico Concórdia. A empresa começa sua expansão no mercado interno nos anos 50, com abertura de filiais comerciais em várias partes do Brasil e, a inauguração da primeira unidade fora de Concórdia, o Moinho da Lapa S.A., em São Paulo.

Nasce em 1971 o mascote Sadia, criado pelos publicitários Francisc Petit e Washington Olivetto, da DPZ. Em 1974 a Sadia lança seu maior sucesso: o peru temperado que foi o maior sucesso de toda a história da marca, trazendo assim a consolidação da liderança de vendas nesse setor de carnes de peru no Brasil e logo após, em 1975, começam as exportações para o Oriente Médio se estabelecendo como um dos maiores exportadores nacionais. (BRF, 2010).

Tabela 8: Receita Bruta da Sadia de 2001-2008 (R\$ milhões).

Mercado	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	01/08*
Mercado Interno	2498	2730	3196	3732	4252	4482	5320	6607	164,51%
Mercado Externo	1519	1959	2660	3585	4076	3458	4500	5585	267,62%
Total	4017	4689	5855	7317	8328	7940	9910	12192	203,50%

Fonte: Adaptado de FORNARI, 2010, p.55.

Nos anos 2000 a Sadia passa a investir e diversificar sua pauta de produtos industrializados, desencadeando um crescimento de aproximadamente 203%.

Impulsionada principalmente pelo desempenho no mercado externo que obteve um crescimento de 267,62% do período de 2001 a 2008, como demonstrado na tabela acima (FORNARI, 2010).

Tabela 9: Vendas Mercado Externo da Sadia de 1999-2008 (R\$ milhões)

Carnes	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Industrializados	47,3	69,90	97,50	187,70	284,90	408,30	412,25	366,27	466,00	667,85
Aves	642	705,1	1182,8	1416,0	1916,8	2676,7	2937,5	2405,7	3202,2	4135,5
Suínos	32,20	69,90	190,32	315,20	443,00	429,83	592,44	376,23	472,39	489,67
Bovinos	-	-	-	-	-	-	-	258,17	265,94	234,23
Outros	117,5	28,50	48,60	40,50	14,90	69,65	134,06	52,06	117,43	57,77
Total	839	873,4	1519,2	1959,4	2659,6	3584,5	4076,3	3458,4	4524,0	5585,06

Fonte: Fornari (2010).

Especificando na tabela 9, se comprova a tendência mundial no consumo de carnes de frangos. O crescimento em 10 anos da de carne de frango da Sadia foi de R\$ 642,7 milhões para R\$ 4.135,54 milhões, além do crescimento dos outros tipos de produtos exportados.

Em 2006 a Sadia inicia a internacionalização de sua produção com a construção de sua primeira fábrica fora do Brasil. A companhia formou uma *joint venture* com a russa Miratorg, uma das maiores distribuidoras de carnes no varejo do país. A fábrica de processados de carne foi montada em Kaliningrado (Rússia) e começou a funcionar em 2008, o investimento foi na ordem de US\$ 70 milhões (VALOR 20/03/2006). Este investimento tinha como objetivo atender o mercado russo um dos principais importadores de carnes. Mas com as perdas com derivativos cambiais em setembro de 2008, a empresa decidiu vender sua participação na fábrica (essas perdas também levaram a Sadia ao processo de fusão com a Perdigão) (VALOR 08/06/2009 apud FORNARI, 2010).

Já a empresa da Perdigão foi fundada em 1934 no estado de Santa Catarina, com comércio de produtos em geral, com ênfase em produtos alimentícios e produtos correlatos. A partir dos anos quarenta a empresa começou a diversificar as suas operações, passando a atuar também no processamento de suínos e, na década seguinte no de aves. A internacionalização da Perdigão começa nos anos setenta através da comercialização de seus produtos, tendo como primeiro mercado no exterior a Arábia Saudita. Já na década de 1980, estende suas exportações para a Europa e Japão, assim como, expande sua

capacidade produtiva através de uma série de aquisições no negócio de processamento de aves e suínos (BRF, 2001)

No mercado externo o principal produto continua sendo as carnes *in natura*, principalmente a carne de ave, utilizando do grande potencial da produção brasileira. A Perdigão cresceu também na exportação de produtos de maior valor agregado (elaborados e processados) devido a diversificação de sua produção. (FORNARI, 2010). A Perdigão, assim como mencionado sobre a Sadia, já vinha em uma crescente no mercado de carnes.

Portanto, a fusão entre a Sadia e a Perdigão, acrescentou não só a participação destas no mercado brasileiro, como na participação do mercado internacional. O comportamento exportador das 2 empresas, teve como consequência em 2010, que a BRF alcançou a marca de “R\$ 22,7 bilhões de reais em vendas, sendo 4% delas destinadas ao mercado exterior. Ainda, se tornou a terceira empresa exportadora do Brasil, sendo a maior exportadora de aves e líder na produção global de proteínas, com 9% da comercialização mundial”. (BRASIL FOODS, 2010).

Já a vertente que foi contra a fusão das duas empresas formando a BRF afirmavam que:

o domínio de mercado que poderia ser exercido pela nova empresa, lhe daria o poder de impor preços e deixar os alimentos mais caros e com menor qualidade. Segundo a reportagem da Folha Online (2009) essa foi também a opinião compartilhada pelo Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor) por meio do seu representante, Marcos Pó, que argumentou que a redução de custos pela fusão não são repassados para o consumidor. Reforçou esse argumento ao citar o caso da Ambev (união das empresas de bebidas Brahma e Antarctica) que usaram o poder de mercado para forçar a retirada de concorrentes menores do mercado. Já Maria Inês Dolci, do Pro Teste (Associação Brasileira de Defesa do Consumidor) argumentou que casos de fusão no Brasil não resultaram em menores preços, mas em menos opções para o consumidor. (COSTA; SANTOS, 2009, p. 172)

Porém da mesma forma, existiram, na época, vertentes e argumentos que são a favor da fusão da Sadia com a Perdigão.

O primeiro e mais aparente aspecto da BRF é a criação da terceira maior exportadora do país, atrás apenas da Petrobras e Vale. Segundo a Revista Exame (2009b, p. 24), um dos objetivos da BRF era elevar a participação no mercado internacional, o que no curto prazo não tem grande impacto mas pode ser significativo no longo prazo, ou seja, a partir da BRF iniciou-se a articulação para penetrar com mais força em

mercados como a China e os Estados Unidos. E a ideia é que posteriormente, além de exportadora, a BRF se transformasse numa grande investidora estrangeira, capaz até de adquirir companhias no exterior para penetrar em mercados que não tem possibilidade por meio da exportação. (COSTA; SANTOS, 2009, p. 173-174)

Isso fez com que o nível de atuação no comércio internacional pós-crise não diminuísse.

O que comprova que a relevância da BRF Brasil Foods não diminuiu no comércio exterior, foi sua constância nas operações globais. No relatório integrado de 2019 da BRF suas operações globais em relação a exportação cresceram e a empresa já exporta para mais de 130 países, além da produção direta em fábricas local. É a maior exportadora de frango do mundo, com 12% de participação no comércio global de aves. Também representa 61% das exportações de salsicha do mercado brasileiro. Além disso, a marca Sadia é líder no varejo na região do Golfo; enquanto que a Banvit é a marca preferida da Turquia (39%). A empresa lidera as exportações do Brasil para a Ásia, com 39% do frango enviado ao Japão e 27% dos suínos exportados à China. Também são os líderes absolutos em exportações de processados do Brasil para a África, com 73% desse segmento (BRF, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise de dados foi utilizada como base para verificar como a Brasil Foods (BRF) se performou bem em um meio de crise internacional. Verificamos que a estratégia utilizada foi a fusão das empresas Sadia e Perdigão.

Conforme analisado, a fusão dessas duas empresas foi necessária para que elas não apenas passassem mais tranquilas pela crise, como também se firmaram como uma das maiores empresas do mundo no ramo. A análise demonstrou a grande força e liderança que a empresa fruto dessa fusão passou a ter no setor de carnes de frangos, suínos e perus tanto como produtora e abastecedora do mercado nacional como também como exportadora.

Os dados levantados em questão demonstraram o quanto o agronegócio, em especial neste caso, o setor de carnes e a a BRF, tem contribuído para o bom desempenho do comércio exterior brasileiro. Inclusive esse setor foi fundamental para o Brasil de forma mais suave por muitos momentos de crise nacional e internacional.

Esse setor e a BRF encararam bem a crise em 2008, aproveitaram o momento certo, conseguindo assim maior abrangência de mercado e da marca, aumentaram as receitas e com o mercado internacional fragilizado, criaram condições de se firmarem ainda mais no comércio exterior.

Evidentemente, o estudo em questão traz uma perspectiva diferente de quando passamos por crises, momentos de dificuldades são momentos que colocamos a prova quem realmente somos e o que somos capazes de fazer. Pessoas que passam por crises com pensamentos pessimistas tendem a falhar, entretanto os que veem a oportunidade em um momento difícil tendem a se sobressair.

Acrescenta-se que, no curso de LEA-NI (Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais), o estudante, depois de formado, deve ter as habilidades necessárias para atuar em diversas áreas do mercado profissional. O comércio exterior se situa em uma delas. Assim, um profissional ciente das variações do mercado, tem uma certa vantagem não somente com o conhecimento técnico, mas também comportamental, preparado psicologicamente

para esses momentos. Portanto, o estudante de LEA tem que se aprimorar cada vez mais em saber lidar com essas alterações no mercado internacional.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D.K; Os resultados de 2008 e os primeiros impactos da crise sobre o comércio exterior brasileiro. **IEDI**, 2009. Disponível em: <www.iedi.org.br/admin_ori/pdf/2009330_comex2008.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2020.

ANSANELLI, S. **O comércio exterior brasileiro no período de 1985 à crise de 2008: “benção” ou “maldição” das commodities?** 2017. Disponível em: <<https://1library.org/title/a-crise-economica-internacional-demanda-pelas-exportacoes-brasileiras>>. Acesso em: 25 de mar. 2020.

BARIZÃO,F,D; GIL,D,A. **A crise econômico-financeira de 2008/2009 e seu impacto no Brasil.** 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/8120/8419>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

BÚSSOLA DO INVESTIDOR. **O que é swap e como funciona?** 2014. Disponível em: <bussoladoinvestidor.com.br/o/que-e-swap/>. Acesso em: 17 mar. 2020.

BRF. **Nossa história** [200-?]. [S.I]. Disponível em: <brf-global.com/sobre/a-brf/nossa-historia/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRF. **Quem somos** [200-?]. [S.I]. Disponível em: <brf-global.com/sobre/a-brf/quem-somos/>. Acesso em: 15 mai. 2021

CARCANHOLO, FILGUEIRAS, PINTO; **“A ALCA (ainda) não faleceu: alternativas reais para a América Latina e Caribe”** Juiz de Fora, 2007. Disponível em : <www2.ufjf.br/uploads/sites/2010/01>. Acesso em: Outubro de 2020.

CASTILHO, M. Impactos da crise econômica internacional sobre o comércio exterior brasileiro. In: **Crise financeira global: mudanças estruturais e impactos sobre os emergentes e o Brasil**, Brasília: Ipea, 2011, p. 97-125. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_crisefinanceira.pdf> Acesso em: 17 de outubro de 2020.

CASTRO, José Roberto. Dez anos da crise de 2008: colapso, consequências e lições. **Nexo**,14/09/2018, Disponível em: <nexojornal.com.br/expresso/2018/09/13/Dez-anos-da-crise-de-2008-colapso-consequencias-e-licoes>. Acesso em: 16 mar. 2020.

CORRÊA, A. Crise muda perfil das exportações brasileiras. **BBC News**, 2009, Disponível em: <bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090908_crise_exportacoes_ac_np> Acesso em: 17 mar. 2020.

COSTA,V,L; GOMES,M,F,M; LÍRIO,S,L. **A crise econômica internacional de 2008 e a demanda pelas exportações brasileiras**, Revista da Política

Agrícola, 2012. Disponível em: < <https://1library.org/title/a-crise-economica-internacional-demanda-pelas-exportacoes-brasileiras>> Acesso em: 20 mar. 2020.

COSTA, D, A; SANTOS, S, R, E. **Brasil Foods: a fusão entre Perdigão e Sadia**, [S.l], 2009. Disponível em: <economiaetecnologia.ufpr.br/arquivos_servidor/revista/17%20Capa/Armando%20Dalla%20Costa%20-%20Elson%20Rodrigo%20de%20Souza-Santos.pdf>. Acesso em: 17 out. 2020.

DAMAS, R, D; **Crisis Econômicas Internacionais**, Saraiva, Brasil, 2016.

DIAS, C.; Um guia para entender o economês do filme 'A Grande Aposta'. **Istoédinheiro**, 2016. Disponível em: <istoedinheiro.com.br/um-guia-para-entender-o-economês-do-filme-a-grande-aposta/>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

DIAS, R; RODRIGUES, W. **Comércio Exterior teoria e gestão**, 3. ed. São Paulo, Atlas, 2012.

FACHINELLO, MEURER; **Impactos da crise financeira internacional de 2008-09 no mercado de trabalho brasileiro**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://www.bing.com/search?q=Impactos+da+crise+financeira+internacional+de+2008-09+no+mercado+de+trabalho+brasileiro&cvid=5a6e0d45d8b848ae833a07fe0ca771c4&aqs=edge..69i57.883j0j9&FORM=ANAB01&PC=ACTS>> Acesso em: 17 mar. 2020.

FORNARI, V.C.B; **Estratégias de internacionalização de empresas brasileiras: um estudo de caso do setor de carnes**. Orientador: Professor Doutor Rogério Gomes. Curso de Ciências Econômicas, Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras, São Paulo, 2010. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/119105> >. Acesso em: 18 out. 2020.

GREESPAN, A.; **O mapa e o território**. 1. ed. São Paulo: Portifolio-Penguin, 2013 Intenacionalização de Empresas: Importância, Como Conduzir e Modos de Implantação. FIA, 2018. Disponível em: <fia.com.br/blog/internacionalização-de-empresas/> Acesso em: 17 out. 2020

HIRATUKA, C; SARTI, F; Relações econômicas entre Brasil e China: Análise dos fluxos de comércio e investimento direto estrangeiro. **Revista Tempo do Mundo**, 2016. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/50>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

IEDI. **O Comércio Exterior em 2007**. Maio, 2008. Disponível em: < https://iedi.org.br/admin_ori/pdf/20080523_comex.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2020.

IEDI. **Os Resultados de 2008 e os primeiros impactos da crise sobre o comércio exterior brasileiro**. IEDI, Março, 2009 Disponível em: <

https://www.iedi.org.br/admin_ori/pdf/2009330_comex2008.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2020.

JUNIOR, J, F; **Análise comparativa do impacto da taxa de câmbio sobre as exportações brasileiras de carnes, relativas ao período de 1989 a 2009.**

Fortaleza: UFC, Curso de Economia Rural, 2010. (TCC, Dissertação) f.113
Disponível em <repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9226/1/2010_dis_jfjunior.pdf>.
Acesso em: 17 de out. 2020.

KRUGMAN, P.; **A crise de 2008 e a economia da depressão.** São Paulo: Elsevier, 2009.

LOPES, T.; História da Bolsa de Valores. **História de tudo**, 2013. Disponível em: <historiadetudo.com/bolsa-valores> Acesso em: 17 mar. 2020.

MARCONI, N; O desempenho do comércio no período pós-crise, **IPEA**,2013.
Disponível em:
<repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4450/1/BEPI_n13_desempenho.pdf>.
Acesso em: 17 out. 2020.

MEJIA,A,A,T. **Determinantes das exportações de carne de frango no Brasil: Uma análise com dados de painel.** Sorocaba, UFSC, Curso de Pós-Graduação em Economia,2013 (dissertação). Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2164/AGURTO_Tulio_2013.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 out. 2020.

MICHELETTI, B, F. **A crise das hipotecas subprime nos EUA e os seus desdobramentos.** Campinas: UNICAMP, Curso de Ciências Econômicas, 2008 (TCC). Disponível em: <bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000437693>
Acesso em: 17 mar. 2020.

MOLLER,D,H; VITAL,T. Os impactos da crise financeira global 2008/09 e da crise na área de euro de 2010 sobre a balança comercial brasileira. **Race**, Ribeirão Preto, 2013. Disponível em:
<<https://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/view/49/43>>.
Acesso em: 27 mar. 2020.

MOREIRA, D.; Consenso de Washington: Bases e desdobramentos no mundo subdesenvolvido. **Conceitos e temas**, 2009. Disponível em:
<conceitosetemas.blogspot.com/2009/03/consenso-de-washington-bases-e.html>

OLIVEIRA, F, M. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração.** Catalão-GO, 2011. Disponível em:
<files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodolgia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

OLIVEIRA NETA, L, B; **O impacto da crise econômico-financeira de 2008-2009 nas relações econômicas do Brasil com a China**, 2014. Disponível em:
<[www.seer.ufu.br>index>article>view](http://www.seer.ufu.br/index>article>view)>. Acesso em: 17 mar. 2020.

SILVA, L.; Entenda em 5 passos o que são os derivativos. **InfoMoney**,2015. Disponível em: <infomoney.com.br/onde-investir-entenda-em-5-passos-o-que-sao-os-derivativos/> Acesso em: 17 de março de 2020.

TRABALHO INTERNO. Direção: Charles Ferguson. Produção de Representational Pictures. Estados Unidos: Sony Pictures Classics, 2010. 1 DVD (108 min.).

TRIPOLI,K,C,A; PRATES,C,R. **Comércio internacional**: teoria e prática. São Paulo: InterSaberes, 2016.

ZANELLA, H,C,L. **Metodologia de Pesquisa**. 2 ed. Florianópolis: UFSC,2013.